

## Morte e Memória

### A figura de Ulisses na poesia de Nuno Júdice

**Maria Borges**

Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (FLUL)

**Mónica Ganhão (Orientadora)**

Doutoramento em Estudos Portugueses e Românicos (FLUL)

DOI: 10.51427/com.est.2024.03.01.0005

**RESUMO:** Na sua poesia, Nuno Júdice revisita e reescreve o mito de Ulisses, abordando a temática da morte e a sua relação com a memória. Na leitura dos poemas “‘Ulisses’, uma página”, “Ulisses” e “Ladainha de Ulisses”, encontramos, nos dois primeiros, um naufrago que, quando confrontado com a sua mortalidade, se agarra à memória para sobreviver e, no último, um herói que, ao matar os pretendentes, recupera o seu nome, e, por conseguinte, a sua identidade. Deste modo, a figura de Ulisses surge profundamente associada às memórias que constroem a sua identidade, utilizando a recordação de quem foi para escapar à morte. Surge, ainda, ligada ao poder da palavra para perpetuar a memória, evitando tanto a morte física quanto o esquecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esquecimento; Identidade; Mitologia Clássica; Mortalidade; Poesia Contemporânea Portuguesa.



**ABSTRACT:** In his poetry, Nuno Júdice revisits and rewrites the myth of Ulysses, addressing the theme of death and its relationship with memory. When reading the poems “Ulysses’, uma página”, “Ulysses” and “Ladainha de Ulysses”, we find, in the first two, a castaway who, when faced with his mortality, clings to his memory to survive and, in the last, a hero who, by killing the suitors, recovers his name, and, therefore, his identity. In this way, the figure of Ulysses appears deeply associated with the memories that build his identity, using the memory of who he was to escape death. It also appears linked to the power of words to perpetuate memory, avoiding both physical death and oblivion.

**KEYWORDS:** Classical Mythology; Contemporary Portuguese Poetry; Forgetfulness; Identity; Mortality.



## Introdução

Nuno Júdice, falecido este ano, deixou uma obra extensa em vários géneros literários, da ficção ao ensaio, passando pelo teatro e pela crítica, mas, principalmente, pela poesia, tornando-se um dos poetas mais marcantes da Nova Poesia Portuguesa. Os seus poemas destacam-se pelo forte teor metafórico e pelos versos de sintaxe fragmentada, carregados de ironia, melancolia e intertextualidade. Na verdade, como afirma José Cândido de Oliveira Martins:

[U]ma das tendências mais salientes da poética de Nuno Júdice é justamente a de dialogar com a memória literária e de recuperar a simbólica do mito, para assim explorar novas ressonâncias sobre a psicologia e subjetividade humanas; e, ao mesmo tempo, para meditar sobre diversos aspetos atinentes à própria linguagem poética. (Martins 2017, 359)

A herança clássica, nomeadamente, a mitologia e a figura de Ulisses, é uma das temáticas revisitadas e reescritas por Júdice na sua poesia.

Ulisses, versão latina do nome Odisseu, é uma das figuras mais conhecidas da literatura e cultura ocidental. Foi guerreiro “divino” da *Ilíada* e herói “de mil ardis” da *Odisseia*, na qual, após a guerra de Troia, protagonizou uma viagem atribulada de regresso à sua ilha, onde deixou Penélope, sua mulher. Por isso, a figura do náufrago errante do “marinheiro é por certo a natureza mais funda de Ulisses” (Viana 2022, 191).

Desde a Antiguidade que este mito foi reescrito e parodiado, de Sófocles<sup>1</sup> a Ovídio.<sup>2</sup> Assim, diferentes Ulisses foram sendo construídos, tradição que foi continuada por autores mais tardios, lembre-se, por exemplo: o Ulisses da viagem

---

<sup>1</sup> Sófocles (c.497–c.405 a.C.), autor das tragédias *Édipo Rei*, *Antígona*, *Electra*, entre outras.

<sup>2</sup> Da vasta obra de Ovídio (43 a.C.–c.18 d.C.) destacam-se *Metamorfoses*, *Arte de Amar* e *Heroides*.

insensata no *Inferno*, de Dante;<sup>3</sup> o Ulisses aconselhado a experienciar a viagem, sem se preocupar demasiado com o destino, de Cavafy;<sup>4</sup> o Ulisses modernista de Joyce,<sup>5</sup> entre muitos outros.

A figura de Ulisses surge pela primeira vez na literatura portuguesa no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.<sup>6</sup> Dos autores que lhe fazem alusões destacamos Camões,<sup>7</sup> que lhe chama “o facundo Ulisses,” utilizando o adjetivo Ovidiano, n’*Os Lusíadas*, e estabelece um paralelo entre este e o “facundo capitão,” Vasco da Gama (Viana 2022, 138); e Almeida Garrett,<sup>8</sup> cuja personagem do Romeiro, em *Frei Luís de Sousa*, surge como uma referência subtil ao herói grego.

Na poesia de Júdice, Ulisses aparece sobretudo associado à figura da morte. Como afirma Teresa Almeida,

O fascínio [de Júdice] pela morte desenhava-se de poema em poema, criando uma linha temática que se iria manter em toda a obra, embora cada vez mais depurada. (Almeida 2000, 35)

Esta obsessão do autor nem sempre está associada à tristeza, encontrando-se profundamente relacionada com as palavras e a origem da linguagem (Souto

---

<sup>3</sup> Dante Alighieri (c.1265–1321) é o autor da famosa *Divina Comédia*, composta por três livros: *Inferno*, *Purgatorio* e *Paradiso*.

<sup>4</sup> Constantine P. Cavafy (1863–1933) autor de mais de uma centena de poemas, sendo os mais notórios “À espera dos bárbaros” e “Ítaca”.

<sup>5</sup> James Joyce (1882–1941), um dos mais importantes escritores do movimento modernista, é conhecido, sobretudo, pelas obras *Dublinenses*, *Retrato do Artista Quando Jovem* e *Ulisses*.

<sup>6</sup> Garcia de Resende (1470–1536) foi, nomeadamente, cronista e poeta, tendo sido o responsável pela organização do Cancioneiro Geral, publicado em 1516, no qual se encontra reunida a poesia palaciana portuguesa (em português e castelhano) composta nos séculos XV e XVI.

<sup>7</sup> Luís Vaz de Camões (c. 1524–1570), imortalizado pela sua epopeia *Os Lusíadas*.

<sup>8</sup> João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett (1799–1854), autor de uma vasta obra, destacando-se *Viagens na minha Terra* e *Frei Luís de Sousa*.

2012, 73).

O presente artigo visa analisar a reescrita do mito de Ulisses na poesia de Nuno Júdice, com foco na temática da morte e na sua relação com a memória. Nos três poemas do autor que nomeiam explicitamente o herói, procurar-se-á explorar qual a relação de Ulisses com a sua mortalidade e de que forma esta relação é influenciada pela memória da sua identidade enquanto soberano de Ítaca e marido de Penélope.

Serão analisados três poemas: "'Ulisses', uma página," incluído em *Um Canto na Espessura do Tempo* (1992), "Ulisses," em *O Breve Sentimento Eterno* (2008), e "Ladainha de Ulisses," em *A Matéria do Poema* (2008).

A análise dos poemas não será apresentada segundo a ordem cronológica de publicação das obras em que se encontram, mas sim o desenvolvimento temático do mito de Ulisses: o primeiro poema sugere um Ulisses náufrago que procura manter-se vivo, agarrando-se à memória; o segundo apresenta Ulisses no submundo, sendo confrontado com a sua mortalidade, procurando fugir desta ao recordar quem foi; e, no terceiro, Ulisses recuperando, finalmente, a sua identidade.

### **"'Ulisses', uma página" (Um Canto na Espessura do Tempo, 1992)**

O título "'Ulisses', uma página," parece propor alguma ambiguidade na interpretação do conteúdo do poema. Por um lado, o facto de a palavra "Ulisses" surgir entre aspas dentro do próprio título sugere que o verdadeiro título do poema é "Ulisses," sendo a expressão "uma página" um acrescento descritivo; por outro, Ulisses parece ser a figura com a qual o 'autor do poema fictício' é identificado, estabelecendo-se um paralelo entre o processo de escrita e a viagem de Odisseu (o poema descreve-o como um "navegador do sublime").

Com o 'autor fictício,' coexiste o sujeito poético que relata o processo de escrita, não sendo identificado. Note-se que nenhuma das duas figuras corresponde a Nuno Júdice, de facto autor do poema em análise.

De forma semelhante ao que acontece na *Odisseia*, que tem início depois da guerra contra Troia, quando Ulisses pensava que iria iniciar uma época pacífica com o regresso ao lar e se vê, em vez disso, confrontado com inúmeras provações, o poema tem início com o 'autor' a voltar ao princípio do seu texto, depois de já ter completado o ato de escrita para se confrontar novamente com o processo de criação: pensando que aquelas "seriam as últimas palavras, voltou / ao princípio do poema" (vv. 2-3).

Um dos pontos focais deste poema parece ser conduzir o leitor através dos passos do processo de criação do poema, sendo que, segundo Chimena Barros da Gama, Júdice nos

apresenta o poeta como «personagem da linguagem» — «a poesia é teatro» — e imprime em suas páginas o «retrato em movimento» do poema, de seu ato criativo, da própria poesia. (Gama 2009, 15)

Como afirma Teresa Almeida, a escrita é, assim, "concebida como uma repetição de um ritual antigo, tentativa de acesso a uma totalidade primordial" (Almeida 2000, 43).

Uma outra questão relevante neste poema é a referência aos aspetos formais da linguagem que prendem este 'autor' que se diz estar "amarrado" a essas "regras antigas," que o libertam do "pensamento, da abstração, da própria ideia" e da "dúvida". A prisão da forma era algo que desconhecia quando era ainda inexperiente e "se apercebeu de/ que a linguagem poderia exprimir a sua pertur-/bação" (vv. 11-13), não imaginando que não conseguisse "fugir à contingência da forma" no ato de criação poética. Os aspetos formais da poesia surgem, assim,

retratados como uma espécie de prisão da criatividade, como amarras que impedem a expressão das ideias genuínas ou 'líricas'.

Um outro aspecto relevante é a multiplicidade de vozes ou entidades emissoras que se encontram inscritas no poema. Para além do sujeito poético e do 'autor do poema fictício' (intratextual e não identificável com Júdice, como supramencionado), faz-se ainda referência a uma outra voz, complicando-se mais as camadas autorais presentes no poema — "essa voz não era a sua". A voz ouvida pelo 'autor' surge associada a várias imagens, nomeadamente à humidade, ideia recorrente na poesia de Júdice, podendo ser um símbolo de apodrecimento (Nava 1991, 221). Esta 'voz' parece aqui representar a musa, no sentido clássico do termo, ou a inspiração divina que comunica ao poeta os versos e as imagens — a "totalidade". Porém, perante o desconforto causado por essa voz e a impossibilidade de a encarnar, o 'autor' parece procurar regressar à forma dizendo "Acreditai no ritmo," expressão que surge logo após uma das poucas rimas do poema — "nada" e "madrugada".

No final do poema, esta voz é identificada com a morte e com a mulher. A associação entre estas e a escrita sugere o conflito vivido pelo 'autor', preso entre a necessidade de se sujeitar à forma e o desejo de se libertar dela para poder exprimir-se livremente. Assim, a figura erotizada da mulher nua seduz o 'autor', que recorda a amada — a posse do corpo feminino é um constituinte fundamental do mito de Ulisses, narrado na *Odisseia*, e da sua própria identidade. Se por um lado, o desejo e o ato sexual potencialmente criador apontam para a criatividade, por outro, a esterilidade e a morte surgem nas imagens da mulher nua entre as estátuas (o que sugere frieza e imobilidade). Porém, ao amarrar-se ao mastro, como o herói fizera para resistir às sereias, o 'autor do poema fictício' consegue também salvar-se recorrendo à forma, que surge, assim, como um recurso útil à sobrevivência desse 'autor' e da poesia.

### **“Ulisses” (O Breve Sentimento do Eterno, 2008)**

O poema “Ulisses” apresenta uma estrutura pouco frequente na obra de Nuno Júdice. Apesar da sintaxe fragmentada e da rima e métrica irregulares típicas da sua poesia (Simone 2015, 81), o poema é um soneto, não seguindo a habitual irregularidade estrófica.

O primeiro verso inicia com a conjunção “E,” o que leva a que o poema se apresente como uma continuação de algo — neste caso, a continuação da viagem de Ulisses. Este é um náufrago em mais um lugar estrangeiro: seguindo a narrativa da *Odisseia*, antes de chegar ao Hades, Ulisses já teria estado em muitos locais, nomeadamente, em Ísmaro (terra dos Cícones), na terra dos Lotófagos, na terra dos Ciclopes, na ilha de Eólia e na ilha de Ogígia (habitada por Calipso).

Neste poema, a paisagem descrita não tem qualquer vestígio de vida: “os ramos [estão] secos,” não é possível avistar “o barco do regresso,” “só os mortos me acompanham”. Ulisses é, assim, confrontado com a sua mortalidade, não desejando permanecer naquela margem, querendo regressar ao lugar de onde veio e onde a sua identidade é reconhecida. Como afirma Maria Mafalda Viana, “[...] se há coisa que define a nossa humanidade, é justamente a nossa memória, sem o que nos falta identidade” (Viana 2022, 152).

Aqui, Ulisses tem apenas a companhia dos mortos, cujas lágrimas o incomodam. Na verdade, o choro é descrito numa aliteração, sugestiva de um correr do tempo sem fim, de uma continuidade interminável, tal como a do rio — que, na poesia de Júdice, simboliza, não raras vezes, a morte (Nava 1991, 221). Curiosamente, sendo Ulisses quem espera o regresso, o verbo ‘esperar’ surge associado aos mortos que buscam o seu consolo. Apesar de não querer ter nada em comum com eles, Ulisses também se sente angustiado. Por isso, não quer parar para consolá-los, sentando-se “na pedra do rio,” afastando-se deles,



recusando identificar-se com quem já não vive.

Se o foco das primeiras duas estrofes do poema está no rio e nas suas margens, ou seja, no lugar palpável em que o sujeito poético se encontra, os dois tercetos desviam a atenção para o desejo de escapar àquele lugar, presente na menção ao horizonte, que cria “como que uma perspectiva, um elemento de ordem espacial que nos orienta o pensamento para a errância a que todos aqui parecem estar sujeitos.” (Nava 1991, 222). Ulisses olha-o em busca do “barco de regresso,” desejando fugir a este lugar de errância, mas “o horizonte continua vazio,” manifestando a impossibilidade de o fazer. Nele, apenas é possível avistar uma “nuvem longínqua”.

A nuvem surge, assim, como um “aceno branco,” que, por um lado, aponta para o esfumar da memória, mas, por outro, o “chama” para o mar onde poderá reaver a sua identidade (Viana 2022, 181), ou seja, para longe da morte. No entanto, por não ser possível “embarcar numa nuvem,” o poema termina com o regresso de Ulisses à sua vida (e viagem) pendente, aspeto realçado pela conjunção “E” no princípio da última estrofe, que, se na primeira estrofe representava a continuidade da viagem, aqui, aponta para a continuidade interminável da espera por um regresso aparentemente impossível.

### **“Ladainha de Ulisses” (A Matéria do Poema, 2008)**

Frequentemente, Nuno Júdice dialoga com a poesia tradicional portuguesa, parodiando-a e subvertendo-a (Almeida 2000, 42), nomeadamente em “Ladainha de Ulisses”:

Este poema replica a estrutura da ladainha ou lengalenga, recordando uma composição popular semelhante “na qual dez personagens em resultado de muitas desgraças e acidentes que lhes acontecem, vão desaparecendo até

restar apenas uma” (Nogueira 2022, 526). Neste poema, Júdice retrata o episódio no qual Ulisses, ao chegar ao palácio de regresso a Ítaca, mata os pretendentes que consomem os seus bens e procuram ocupar o seu lugar enquanto marido de Penélope e soberano.

Constituído por uma única estrofe, o poema estrutura-se em pares de versos que se repetem, alterando-se apenas o número de pretendentes, que vai gradualmente aumentando, até ao antepenúltimo verso. O número de pretendentes tem sempre como segundo algarismo o número nove, que, nos poemas homéricos, anuncia o fim de um ciclo e o começo de um novo, estando associado à ideia de nascimento e de morte (Chevalier 1994, 477).

Porém, nos últimos dois versos, a estrutura que se vinha repetindo é interrompida. No primeiro desses dois versos, o ‘Eu’ ainda não identificado, que até aqui é apenas mais um número, individualiza-se através de uma ação violenta (“matei”) que elimina os outros pretendentes, representantes de uma massa incógnita que luta pela conquista de Penélope. Através dessa ação, o ‘Eu’ (Ulisses) conquista o direito a ser nomeado. Ao matar “os cem pretendentes,” Ulisses não só mata quem pretende roubar-lhe um elemento essencial da sua identidade — Penélope, cuja memória surge, na *Odisseia* aquando da despedida de Ulisses e Calipso, motivo fundamental para o seu desejo de regresso —, como aniquila também a sua própria identidade enquanto “o centésimo pretendente”, identificável com a sua vida de náufrago, que o havia tornado numa figura anónima. Visto que o nome comporta a memória de quem se é, ao recuperá-lo, Ulisses, através da morte dos pretendentes, resgata a sua identidade reconhecível do esquecimento, transformando-se, novamente, no soberano de Ítaca e marido de Penélope.

## Conclusão

Perante a análise dos três poemas selecionados, podemos concluir que, na poesia de Nuno Júdice, a figura de Ulisses surge intrinsecamente associada à morte e à memória, procurando escapar da primeira e, através da segunda, resgatar a sua identidade. Nos dois primeiros poemas, quando o náufrago é confrontado com a sua mortalidade, procura escapar dela e é a memória de quem foi, de Penélope e da forma da poesia que lhe permite restabelecer a sua identidade e evadir-se à morte. Já no poema "Ladainha de Ulisses," recordado da sua identidade épica enquanto esposo de Penélope e soberano de Ítaca, a morte dos pretendentes surge como um recurso para resgatar essa identidade, a memória de quem foi. Ulisses parece, ainda, estar associado ao poder da poesia e da palavra para perpetuar a memória, evitando, não só a morte, mas também o esquecimento.

## Referências

- Almeida, Teresa. 2000. "Apresentação." Em *Nuno Júdice - Poesia Reunida, 1697-2000*, 33-44. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Chevalier, Jean, et. Gheerbrant, Alain. 1982. "Nove." Em *Dicionário dos Símbolos - Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, 475-477. Lisboa: Editorial Teorema.
- Gama, Chimena de Barros. 2014. "O Movimento Criativo em A Noção de Poema, de Nuno Júdice." *Texto Poético* 5 (7). <https://doi.org/10.25094/rtp.2009n7a146>.
- Júdice, Nuno. 2000. "'Ulisses', uma Página." Em *Nuno Júdice - Poesia Reunida, 1967-2000*, 436-437. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- . 2008. "Ladainha de Ulisses." Em *A Matéria do Poema*, 46. Lisboa: Dom Quixote.
- . 2008. "Ulisses." Em *O Breve Sentimento do Eterno*, 45. Lisboa: Edições Nelson de Matos.
- Martins, José Cândido de Oliveira. 2017. "Metamorfoses de Narciso na poética de Nuno Júdice." Em *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura - Presenças Clássicas nas Literaturas de Língua Portuguesa* vol. III, coordenação de Cristina Pimentel e Paula Morão, 355-366. Lisboa: Campo da Comunicação.
- Nava, Luís Miguel. 1991. "Nuno Júdice - Uma Poética da Água." *Colóquio/ Letras* 121-122: 220-224. <https://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=121&p=220&o=p>.

- Nogueira, Adriana Freire. 2022. "Ecos da Antiguidade na Poesia Portuguesa Contemporânea: Ulisses Plurais – memórias míticas." Em *Miscelânea de Estudos em Honra de Maria de Fátima Silva* vol. II, coordenação de Frederico Lourenço e Susana Marques, 515-536. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2400-6>.
- Simone, Bruna Fernanda de. 2015. "As Configurações do Amor na Lírica de Nuno Júdice." Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista.
- Souto, Egídia. 2012. "A força tanática na poesia de Nuno Júdice." *Revista do Centro de Estudos Portugueses* 32 (42): 73-85. <http://dx.doi.org/10.17851/2359-0076.32.48.73-85>.
- Viana, Maria Mafalda. 2022. "Ulisses. Um herói familiar." Em *Figuras do Mito*, 135-167. Lisboa: Tinta-da-china.
- . 2022. "Ulisses. Partindo de Homero..." Em *Figuras do Mito*, 169-201. Lisboa: Tinta-da-china.